

## AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS DO EGRESSO DE PEDAGOGIA: ANSIEDADE E MEDO?

Caroline Martins Chaves<sup>1</sup>  
Kélvina Teodósio Oliveira<sup>2</sup>  
Keila Andrade Haiashida<sup>3</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo central realizar uma análise de dados das primeiras experiências profissionais dos egressos do curso de Pedagogia entre os anos 2019-2021 da Feclesc/Uece com foco na ansiedade e no medo de exercer a profissão. A metodologia teve uma abordagem qualitativa, do tipo exploratório com uso de fontes bibliográficas e pesquisa de campo. Os principais autores que subsidiaram essa pesquisa foram: Bauman (2008), Goleman (2011), Tardif (2000) dentre outros. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário realizado por meio da plataforma google forms, enviado aos participantes via whatsapp. Os resultados indicam que a docência é uma área profissional desafiadora que exige constante aperfeiçoamento das práticas pedagógicas. Embora a maioria 70,6% dos participantes da pesquisa tenham afirmado que sentiram ansiedade e medo em nível moderado e alto quando iniciaram sua trajetória laboral, temos um percentual bastante elevado de egressos atuando na educação, 82,4% ingressam como pedagogos até 1 ano após formados. Os egressos não permitiram que a ansiedade e o medo os impedissem de atuar na educação, ou os paralisassem, ao contrário 94,1% afirmaram que diante de situações novas em seu trabalho se sentiram encorajados a enfrentá-las.

**Palavras-chave:** Ansiedade. Medo. Ingresso na carreira docente.

## THE FIRST PROFESSIONAL EXPERIENCES OF GRADUATES: FEAR AND ANXIETY?

### ABSTRACT

The main purpose of this research was to analyze data on the first professional experiences of graduates of the Pedagogy course between 2019-2021 at Feclesc/Uece, with a focus on anxiety and fear to practice the career. The methodology adopted was a qualitative, exploratory approach, using bibliographic sources and field research. The main authors that supported this

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), unidade acadêmica da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: caroline.martins@aluno.uece.br

<sup>2</sup> Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), unidade acadêmica da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: kelvina.teodosio@aluno.uece.br

<sup>3</sup> Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Doutora em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Mestra em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Graduada em Pedagogia também pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora adjunta da UECE. Professora permanente do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras (MIHL) da UECE. E-mail: keila.haiashida@uece.br

research were Bauman (2008), Goleman (2011), Tardif (2000) and others. The data collection tool used was a questionnaire, which was conducted using the google forms platform and sent to the participants via whatsapp. The results show that teaching is a challenging professional field, which requires continuous improvement of teaching practices. Although the majority, 70.6%, of the participants in the survey indicated that they felt moderate to high levels of anxiety and fear when they started their careers, there is a very high percentage of graduates working in education, 82.4% of whom started teaching within one year of graduation. The graduates did not allow anxiety and fear to prevent or paralyze them from working in education; on the contrary, 94.1% said that when faced with new situations in their work, they felt encouraged to face them.

**Keywords:** Anxiety. Fear. Starting a teaching career.

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, a formação de professores e professoras da educação básica tem recebido atenção dos pesquisadores da área da educação, havendo diversas discussões sobre mercado de trabalho, precarização do trabalho docente, currículo, os desafios enfrentados no início de carreira, dentre outros.

O egresso, quando conclui o curso de graduação, normalmente foca a atenção no mercado de trabalho, alguns ingressam antes mesmo de formar-se, no entanto, outros preferem trabalhar *a posteriori*, mas os sentimentos em ambas as situações são os mesmos, medo de errar, de não ter os conhecimentos necessários para o exercício da profissão, a falta de prática e a ansiedade que pode até paralisá-los(as) diante de tais situações.

Essa resistência ao espaço de atuação tem sido observada em alguns programas como: Programa Residência Pedagógica (PRP) e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), cujas intenções de forma bastante resumida são inserir o graduando nas instituições de ensino e fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática dos estudantes de licenciatura. Na primeira seleção para o Programa Residência Pedagógica da FECLESC/UECE uma das professoras ouviu de diversos candidatos que não queriam participar do programa porque teriam que ir para escola. O que nos leva a pensar: para onde um licenciando acha que vai após se formar<sup>4</sup>?

---

<sup>4</sup> Não ignoramos que o pedagogo pode atuar em outros espaços, além da escola, conforme previsto no artigo 4º das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Entretanto, o atual apostilamento do curso de Pedagogia da FECLESC/UECE licencia para magistério na Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental e Gestão Escolar.

Essa resistência à sala de aula manifesta por alguns licenciandos nos levou a elaborar a problemática da pesquisa: por que alguns alunos do curso de Pedagogia da FECLESC/UECE evitam a imersão nas escolas? O que gera essa relutância?

Acreditamos que ao pisar o chão da sala de aula como professores e professoras podemos ter variadas emoções que fazem parte da nova experiência, uma vez que, o profissional quer sempre acertar, dar uma boa aula, usar recursos inovadores, fazer a diferença na vida dos seus alunos(as), levar ideias novas para seus gestores, agradar os pais ou responsáveis por seus estudantes.

Todas essas expectativas podem gerar insegurança e ansiedade. Desse modo, buscamos por meio desta nossa pesquisa analisar os medos e as incertezas que os egressos de Pedagogia podem ter no início de sua carreira e identificar se existem outros aspectos subjacentes a essa hesitação na ida às escolas, já que por vezes ao dialogar com ex-alunos ouvimos o quanto foi difícil o começo da carreira.

O *lôcus* do trabalho foi a Faculdade de Educação em Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), unidade acadêmica da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e os participantes egressos do curso de licenciatura em Pedagogia entre o período 2019-2021.

O artigo está dividido em 4 seções e 2 subseções: 1. Introdução, 2. Metodologia, 3. Sobre ser professor, subdividido em: 3.1 Ansiedade e Medo na prática docente e 3.2 O ingresso na docência e 4. Considerações Finais.

## 2 METODOLOGIA

O percurso metodológico se caracteriza por uma abordagem qualitativa, pois tivemos contato com o objeto de estudo, analisando como os indivíduos se comportam em determinadas situações do cotidiano. Denzin e Lincoln (2006, p.15) afirmam que:

A pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas nos seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas conferem.

Por conseguinte, o tipo de pesquisa de campo foi exploratório e participante, que segundo Gil (2010, p. 41) envolve “[...] levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão.” A pesquisa exploratória possibilita uma aproximação inicial com o

tema, nesse estudo não temos a pretensão de abordar todo o contexto em sua complexidade, mas sim provocar os leitores para a necessidade de observarmos essa resistência que é real.

Tem viés participante, pois todas as pesquisadoras integram o curso de Pedagogia da FECLESC/UECE como licenciandas<sup>5</sup> e professora, o que permite o envolvimento com a comunidade na análise de uma realidade partilhada e se desenvolve a partir da interação e escuta formal e informal entre pesquisadoras e os membros da situação investigada.

As principais fontes de pesquisa foram: Bauman (2008), Goleman (2011), Freire (1986), Huberman (1995), Tardif & Raymond (2000) dentre outros.

O estudo foi realizado com os egressos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), unidade acadêmica da Universidade Estadual do Ceará (UECE), localizada no município de Quixadá, Ceará. Quixadá fica a aproximadamente 170 quilômetros da capital do Ceará, Fortaleza. Embora o Nordeste seja conhecido por suas belas praias, Quixadá está na macrorregião do sertão central cearense, cujo ensino superior enfrentou enorme atraso em relação à capital. Ainda que a FECLESC/UECE seja a mais antiga instituição de ensino superior com ênfase na formação de professores e atenda todas as cidades circunvizinhas, sua atuação é de apenas 4 décadas. Até então tínhamos a Escola Normal Rural e antes disso as professoras leigas

Por meio do controle acadêmico do *campus* tivemos acesso a lista dos 37<sup>6</sup> egressos dos anos de 2019-2021 do curso de Pedagogia. Após uma árdua busca para nos comunicarmos com esses ex-alunos(as), obtivemos retorno de 17 egressos. As redes sociais (*WhatsApp* e *Instagram*) e o *e-mail* foram os canais de comunicação que utilizamos, tendo em vista a recomendação de distanciamento social decorrente da COVID 19, em consonância com decreto Nº 34.772, de 30 de abril de 2022 que dispôs sobre as medidas de controle da Covid 19 no Estado do Ceará. A coleta foi realizada por intermédio de um questionário elaborado na plataforma Google formulário (*Google forms*), com 12 perguntas dissertativas e de múltipla escolha.

---

<sup>5</sup> Dentre as licenciandas uma é bolsista monitoria e a outra residente do Programa Residência Pedagógica. A professora leciona na graduação e pós-graduação e é também coordenadora de Estágio e Orientadora do Programa Residência Pedagógica.

<sup>6</sup> O número reduzido de formados tem relação com o período (Pandemia de COVID 19), nessa época a oferta de disciplinas foi reduzida o que atrasou a conclusão de muitos alunos. Ademais muitos trancaram disciplinas por não se adaptar ou por não ter acesso ao sistema remoto, somado ao adoecimento e mortes.

### 3 SOBRE SER PROFESSOR

As pesquisadoras deste artigo, perceberam a necessidade de conceituar a ansiedade e o medo, que se apresentam como conceitos que subsidiam a análise.

Esta seção foi subdividida em dois tópicos, o primeiro é sobre “Ansiedade e o Medo na prática docente”, no qual discorreremos teoricamente a partir de referências clássicas como Bauman e Goleman; e o segundo, é sobre a “O ingresso na docência”, no qual, buscamos por meio do questionário, que continha 12 perguntas direcionadas aos egressos do curso de Pedagogia, respostas para nossa principal indagação: será que os(as) futuros(as) pedagogos(as) estão enfrentando dificuldades ao iniciar sua trajetória docente? A ansiedade e o medo estão gerando estratégias de enfrentamento?

#### 3.1 Ansiedade e Medo na prática docente

Em nosso trabalho um conceito importante é o de ansiedade. Para Silva Filho e Silva a ansiedade se caracteriza como:

[...] estado de humor desagradável, apreensão negativa em relação ao futuro e inquietação desconfortável; inclui manifestações somáticas (cefaleia, dispneia, taquicardia, tremores, vertigem, sudorese, parestesias, náuseas, diarreia etc.) e psíquicas (inquietação interna, insegurança, insônia, irritabilidade, desconforto mental, dificuldade para se concentrar etc.). É uma resposta a uma ameaça desconhecida, interna, vaga e conflituosa (Silva Filho; Silva, 2013, p. 32).

Conforme demonstrado no conceito retrocitado a ansiedade implica em uma apreensão negativa em relação ao futuro. Ao concluir o curso o agora pedagogo precisa definir que caminho seguirá profissionalmente. Essa tomada de decisão não é fácil, implica aventurar-se em espaços e experiências novas.

Fortes (2019) mostra correlações negativas da *ansiedade cognitiva* (ou seja, ansiedade que interfere em aspectos cognitivos como atenção, pensamento acelerado entre outros) e *ansiedade somática* (que se soma a outros problemas) com o índice de tomada de decisão. Revelaram-se correlações positivas entre a “autoconfiança” e o índice de tomada de decisão. Revelou-se influência da ansiedade cognitiva, somática e autoconfiança no índice de tomada de decisão. Concluiu-se que a ansiedade pode ser considerada um fator interveniente na tomada de decisão. Nesse sentido, ressaltamos que a escolha de um espaço de atuação é uma tomada de decisão das mais importantes e o que a pesquisa de Fortes explicita é a interferência negativa da ansiedade na tomada de decisão e em contrapartida a interferência positiva da autoconfiança.

Já o medo é um sentimento originário do ser vivo. Assim, muitas são as definições para essa sensação. De acordo com Bauman (2008) “Medo é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e o que não pode – para fazê-la parar ou enfrentar, se cessá-la estiver além do nosso alcance”. O medo pode estar relacionado com momentos associados a riscos existentes em determinado ambiente e caracterizado também como algo involuntário do corpo e emoções humanas. Como seres singulares cada indivíduo apresenta o nível de medo específico em diferentes contextos da vida. O sentimento vivenciado pela maioria das pessoas ao se encontrar em situações nunca antes vividas, é uma sensação de medo e incerteza. Tudo aquilo que é novo, de algum modo assusta.

Sabe-se que o ato de tomar decisões está presente em nossas vidas diariamente, havendo decisões corriqueiras e também aquelas decisões que precisam de ponderação, afinal toda escolha tem uma consequência, negativa ou positiva. Como é possível tornar o medo uma ferramenta positiva para o desenvolvimento humano? Em que situações o medo atua como agente impulsionador e em quais momentos paralisa e causa prejuízos? Que medidas podem ser tomadas para aliviar e lidar da melhor forma possível com esses sentimentos?

Ao ingressar na fase adulta reconhecemos a necessidade de enfrentar os medos. O jovem adulto por muitas vezes se encontra angustiado ao ter que fazer suas próprias escolhas, entre as variadas possibilidades existentes a decisão no campo profissional que é uma das mais complexas, pois em uma sociedade com diversas informações e influências o ato de decidir se torna algo complicado. Ansiedade e insegurança surgem na mente deste jovem que precisa fazer escolhas em vários campos, inclusive o profissional. Ao escolher uma direção, novos caminhos e outras possibilidades são deixadas de lado e o que poderia ou não acontecer permanece desconhecido.

O professor é visto como responsável por levar para o ambiente de sala de aula segurança e calma, porém, é possível questionar até onde a formação deste profissional oferece capacitação para vivenciar os inúmeras desafios da sala de aula. O educador é um dos profissionais que precisa saber lidar com diferentes situações ao mesmo tempo na maioria das vezes em uma turma com vários perfis diferentes e precisa ser um bom mediador em momentos de turbulência. Até onde essas incertezas estão presentes na vida dos profissionais? Será que após decidir qual a profissão seguir, os medos são encerrados?

Em detrimento disso, Galvão (1998, p. 41) afirma que:

No adulto, são menos frequentes as crises emotivas, como ataques de choro, birras, surtos de alegria, tão comuns ao cotidiano da criança. As emoções aparecem reduzidas, pois subordinadas ao controle das funções psíquicas superiores. Assim, ao focar as emoções na vida adulta, as teorias clássicas

tendem a identificá-las com ação sobre o mundo exterior objetivo, enfatizando seus efeitos sobre os automatismos motores e a ação mental.

Com o passar do tempo, o indivíduo possui um maior discernimento sobre si, controlando-se emocionalmente, por exemplo, a criança quando recebe um presente que aguardava há muito tempo, normalmente, fica eufórica, comemorando com pulos e gritos de alegria, o adulto, no entanto, na mesma situação, não apresenta tais expansividades apresentada nas crianças; com isso, a autora arremata dissertando que ao amadurecermos, temos os “efeitos sobre os automatismos motores e a ação mental”, portanto, socialmente, o adulto torna-se mais cobrado e, quando, no caso do educador(a) apresentar tais sinais de medo e/ou insegurança torná-lo-ia um professor(a) ruim.

De acordo com estudos desenvolvidos por Henri Wallon (apud Galvão, 1995, p. 41): “No adulto, são menos frequentes as crises emotivas, como ataques de choro, birras, surtos de alegria.” Isto é, a autora está nos querendo dizer que os indivíduos na fase adulta, em tese, têm mais controle de suas emoções. Continua afirmando que:

As emoções aparecem reduzidas, pois subordinadas ao controle das funções psíquicas superiores. Assim, ao focar as emoções na vida adulta, as teorias clássicas tendem a identificá-las com ação sobre o mundo exterior objetivo, enfatizando seus efeitos sobre os automatismos motores e a ação mental. (1995, p. 41).

A pessoa quando está enfrentando os desafios naturais da vida adulta, por exemplo, vestibular, faculdade, primeiro emprego dentre outras, objetiva o mundo exterior, assim a ação mental e automatismo motores passam a ser realidade.

Contudo, mesmo diante de tais informações, na condição de docente, como podemos enfrentar nossos medos de encarar a nossa profissão? Goleman (2011, p. 34) aduz que “Todas as emoções são, em essência, impulsos, legados pela evolução, para uma ação imediata, para planejamentos instantâneos que visam lidar com a vida”. Para o autor, o medo é um tipo de emoção, ou seja, é algo que pode nos mover ou nos paralisar. Continua afirmando que:

No medo, o sangue corre para os músculos do esqueleto, como os das pernas, facilitando a fuga; o rosto fica lívido, já que o sangue lhe é subtraído. Ao mesmo tempo, o corpo imobiliza-se, ainda que por um breve momento, talvez para permitir que a pessoa considere a possibilidade, em vez de agir e se esconder.

Emoção é o agir, é ação, e para o medo não seria diferente, conforme Goleman nos demonstrou na citação anterior. Podemos em determinadas situações que consideramos difíceis de administrar, fugir ou paralisar. Assim, procuramos na análise das repostas que obtivemos na coleta de dados, identificar se entre nosso(as) entrevistados(as) a ansiedade e o medo os fizeram abandonar a profissão ou não; se não abandonaram, quais foram as estratégias de enfrentamento.

Finalizamos esse tópico com uma fala de Freire (1997, p. 27) “Diante do medo, seja do que for, é preciso que, primeiro, nos certifiquemos, com objetividade, da existência das razões que nos provocam o medo.” Assim, começaremos o próximo tópico abordando as experiências vivenciadas pelos respondentes no início da prática docente.

### 3.2 O ingresso na docência

As pesquisadoras desse trabalho elaboraram um questionário contendo 12 perguntas com questões dissertativas e de múltipla escolha. Os participantes foram egressos do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade de Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), unidade acadêmica da Universidade Estadual do Ceará (UECE). A nossa pesquisa delimitou as turmas, de modo que pesquisamos os egressos(as) dos anos 2019.1 – 2021.1, com um total de 37 formandos(as), porém obtivemos o retorno de 17, perfazendo, portanto, uma amostra de 46% de respondentes.

**Quadro 1: Perguntas do Questionário**

01	Por que motivo escolheu o curso de pedagogia?
02	Você atua: ( ) Na área de educação ( ) Fora da área de educação. Onde? _____
03	Na primeira experiência como pedagogo em sala de aula, qual o nível de ansiedade, esteve presente com você: ( ) Baixo ( ) Médio ( ) Alto
04	Diante de situações novas, o medo presente em tal circunstância tem o papel de: ( ) Encorajar. Se sente desafiado e por isso age. ( ) Paralisar. Não consegue controlar os medos e desiste.



05	No que se refere ao medo em relação ao momento de ministrar a aula. Qual sentimento você identifica com mais frequência:  ( ) O medo da indisciplina do aluno/ turma. ( ) Receio em não conseguir conduzir a aula de forma prazerosa. ( ) Temor de não atingir os objetivos da aula.
06	Depois de formado(a) em pedagogia, sente-se preparado(a) para exercer a docência? Sim ou Não. Por quê?
07	De acordo com o nível de autoconhecimento que você consegue identificar. Qual a colocação está o seu rendimento profissional entrelaçado com a preocupação de lecionar aula:  ( ) Rendimento baixo ( ) Rendimento médio ( ) Rendimento alto
08	Após de formado quanto tempo demorou para ingressas no mercado:  ( ) 6 meses ou menos ( ) 1 ano ou mais ( ) Não ingressou ainda
09	Após algum tempo esse nível de sentimento vivido na primeira aula:  ( ) Permaneceu o mesmo nível ( ) Teve crescimento no nível ( ) Com o passar das aulas o nível de insegurança foi diminuindo
10	Sente algum medo/receio de ingressar nessa carreira? Por quê?
11	O curso de pedagogia da Feclesc é em média cursado em 5 anos, sentiu que sua formação foi suficiente? Por quê? Que sugestão daria?
12	Como professor(a) formado(a), sente-se feliz e realizado(a) em sua formação? Por quê?

Fonte: Perguntas elaboradas pelas autoras.

Inicialmente, asseguramos que as identidades das(os) respondentes não seriam divulgadas, o que iremos utilizar para compor nossa pesquisa são os dados coletados. Dessa forma, após todos concordarem em participar como respondentes, começamos com a pergunta que indagava o que o(a) motivou a ingressar no curso de Pedagogia da FECLESC, 7

respondentes afirmaram que era um sonho de criança, 4 informaram ser a opção possível<sup>7</sup>, 1 por gostar de criança e, finalmente, 1 entrevistado disse já atuava na área e almejava a formação específica.

Valle (2006, p. 183) diz que “Muitos estudos constataram que a escolha de uma profissão é o resultado de uma combinação entre a representação que o indivíduo tem de si e a experiência vivida.” Ou seja, o que a autora propõe muito se assemelha com as respostas dos professores(as) pelos motivos que fomentaram em suas escolhas para o magistério como profissão.

Cabe salientar que, a *práxis* docente é considerada uma das profissões mais importantes, pois como professores(as) temos o compromisso em proporcionar o melhor para nossos estudantes, para assim, terem uma vida futura exitosa, Paulo Freire (1995, p. 32) defende:

A prática educativa, pelo contrário, é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes e adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo.

Em relação a atuação na Pedagogia, 82,4% dos nossos entrevistados(as) afirmaram que estão como professores(as) pedagogos(as); e 17,2% encontram-se fora da área em comento, não pontuando qual a sua atual profissão.

Sobre a primeira experiência como professor(a), indagamos sobre o sentimento de insegurança, os respondentes afirmaram que esse sentimento era consequente do desafio inicial, de estar à frente de uma turma, então, tivemos as seguintes respostas: 35,3% declararam que seu nível de insegurança era alto, 35,3% disseram que sentiam uma insegurança média e 29,4% tinham uma baixa insegurança, de alguma forma o sentimento estava presente em todos, porém em níveis diferenciados.

---

<sup>7</sup> Em Quixadá existem inúmeras instituições de ensino superior públicas. Temos a unidade acadêmica da Universidade Federal do Ceará (UFC) cujos cursos são direcionados à área de tecnologia (Design Digital, Engenharia de Computação, Ciência da Computação, Engenharia de Software, Redes de Computadores e Sistemas de Informação) e a unidade acadêmica do Instituto Federal do Ceará (IFCE) com os cursos de Engenharia Ambiental, Engenharia Civil, de Produção Civil e as licenciaturas em Química e Geografia. As demais instituições são privadas como o Centro Universitário Católico de Quixadá (UniCatolica) e Unopar.

Ao analisarmos algumas respostas, as pesquisadoras indagaram-se, sobre a possibilidade destes egressos(as) terem participado na condição de bolsistas de algum programa ofertado pela universidade e/ou governo estadual ou federal, tais como: Programa Residência Pedagógica (PRP), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Projetos de Iniciação Científica (IC), bolsas de monitoria, projetos de extensão dentre outros, pois acreditamos que os citados programas, além de robustecerem o currículo do discente, proporcionam importantes experiências pessoais e profissionais.

Para complementar o questionamento anterior, indagamos se situações novas os encorajam ou paralisam, e 94,1%, ou seja, quase a unanimidade declararam que diante de situações novas se sentem encorajados(as) para enfrentá-las, em contrapartida, somente 5,9% ficam paralisados(as).

Com os dados obtidos nas primeiras perguntas, percebemos no processo de início na profissão, que embora a maioria dos(as) participantes tenham mencionado esse sentimento de insegurança, isso não os afastou da carreira ou desencadeou uma paralisia ou apatia profissional o que nos surpreendeu pelo quantitativo. Conforme Tardif e Raymond (2000, p. 231):

O domínio progressivo do trabalho leva a uma abertura em relação à construção de suas próprias aprendizagens, de suas próprias experiências, abertura essa ligada a uma maior segurança e ao sentimento de estar dominando bem suas funções.

Portanto, com o passar do tempo, os sentimentos de insegurança e medo que porventura o profissional da educação pode ter no início de sua carreira, com as experiências adquiridas na sala de aula vai tornando-o mais convicto de suas metodologias, didática pedagógica e como docente, se sentirá mais à vontade diante das dificuldades que vão surgindo.

O exercício da profissão docente tem suas peculiaridades, verificamos com base nas respostas dos professores participantes desta pesquisa que em alguns momentos sentem-se satisfeitos em outros não, como Huberman (1995, p. 38) nos explica:

O desenvolvimento de uma carreira, é, assim, um processo e não uma série de acontecimentos. Para alguns, este processo pode parecer linear, mas, para outros, há patamares, regressões, becos sem saída, momentos de arranque, descontinuidades. O fato de encontrarmos sequências-tipo não impede que muitas pessoas nunca deixem de praticar a exploração, ou que nunca estabilizem, ou que desestabilizem por razões de ordem psicológica (tomada de consciência, mudança de interesses ou de valores) ou exteriores (acidentes, alterações políticas, crise econômica).

E para compor nosso artigo, necessitamos saber o que acharam da formação que desenvolveram em quase 5 anos de faculdade, se sentem-se preparados(as) para exercerem a docência e 14 respondentes disseram que sim, que a Feclesc os(as) preparou bem para se tornarem professores(as); tivemos 2 respostas contrárias, *ipsis litteris* “o curso de pedagogia que cursei foi voltada quase que 90% para pesquisa, a prática e a realidade dos fatos são um pouco esquecidas.”

Compreendemos que a referida respondente estabelece sua crítica, afirmando que o currículo do curso é mais voltado para as disciplinas de pesquisa e prática pedagógica, em detrimento das práticas propriamente dita (estágios). As disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP) do curso de Pedagogia tem em comum a intenção de servir como espaço interdisciplinar de diálogo entre a pesquisa e prática pedagógica e as demais disciplinas do semestre, são importantes para o aprendizado e as vivências dos acadêmicos, pois direcionam e proporcionam – na maioria das vezes – as idas as escolas, possibilitando entrevistar professor(a), observar aulas, analisar os alunos, enfim, inserir-se no *locus* no qual atuarão.

É preciso, entretanto, o exercício de autocrítica, pois nem sempre o professor lotado em uma disciplina que integra o Núcleo de Estudos Integradores como é o caso das disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP) conhecem o Projeto Pedagógico de seus Cursos (PPC). Desse modo, desenvolvem o que “acham” que deve ser a disciplina, sem atentar para sua ementa e para seu significado dentro da estrutura curricular. Isso decorre em muitas instituições da precarização do trabalho docente, com carência de professores, profissionais com contratos de substitutos e uma demasiada troca de lotação, que implica em professores lecionando fora da sua área de seleção.

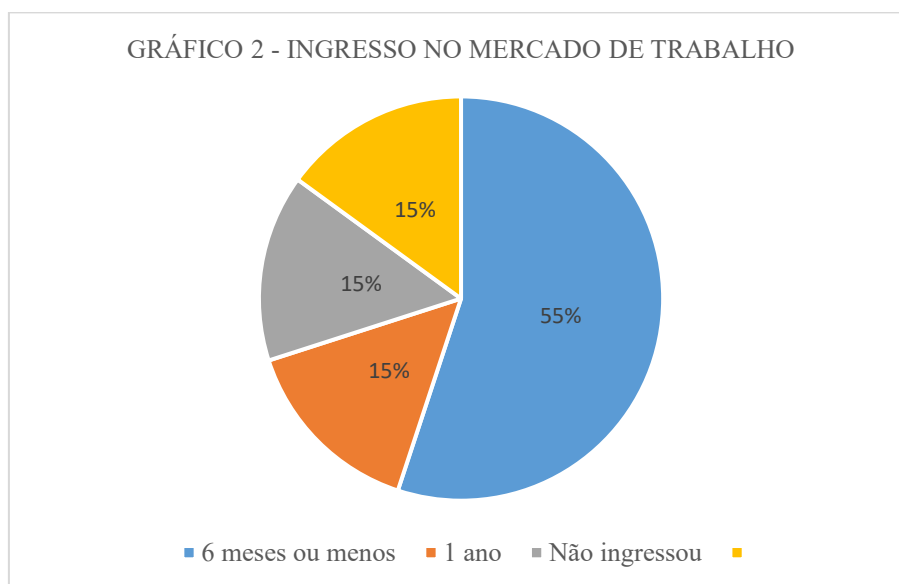
Para finalizarmos esse tópico, teve uma professora que descreveu que sua formação foi mediana, pelo fato que a sala de aula é um ambiente dinâmico e a academia não tem como prever as diferenças e realidades de cada escola e aluno(a).

Na quinta pergunta abordamos o sentimento de insegurança sobre a primeira experiência em sala e o primeiro contato com os alunos, a sensação que predominou – segundo a resposta de 7 egressos – é o medo de não ser capaz de ministrar uma aula que seja prazerosa para os alunos e ouvintes. Os temores de um profissional de Pedagogia são inúmeros, nos resultados obtidos os que se destacaram foram o temor de não atingir os objetivos da aula mesclado ao medo da indisciplina da turma/aluno, correspondendo 5 respostas cada.

Costa e Oliveira (2007, p. 28) arrematam dizendo que “A iniciação na docência tem se revelado como uma etapa importante no processo de aprender a ser professor.” Isto é, os autores defendem que muitos professores(as) iniciantes preocupam-se mais com ensinar os conteúdos aos seus alunos, do que aprender com eles.

O autoconhecimento profissional é uma ferramenta essencial para a atuação dos educadores. Sendo possível melhor planejamento e tomadas de decisões mais seguras. Pois, o profissional com autoconhecimento tem maior clareza de seus pontos positivos e dificuldades. Pensando nisso foi indagado o nível de autoconhecimento que os participantes entrevistados conseguem. As alternativas foram divididas em três: rendimento baixo, médio ou alto. Obtivemos como resposta que 9 participantes afirmaram possuir rendimento médio, enquanto 8 participantes afirmaram ter alto rendimento, totalizando assim, 17 participantes. E 0 afirmaram estar no nível baixo.

Na 8ª pergunta, questionamos se após a formação em Pedagogia tiveram êxito em ingressar no mercado de trabalho, obtivemos as seguintes porcentagens de respostas.



Fonte: Elaborado pelas autoras

Ao ingressar no curso de licenciatura em Pedagogia, muitos de nós imaginamos ingressar no mercado de trabalho, acontece que, essa realidade não contempla a todos os egressos, como constatamos com as respostas já mencionadas. Todavia, quando comparada a outras profissões temos uma inclusão satisfatória, tendo em vista que 65% estava empregado 6 meses ou menos após a conclusão do curso e esse percentual sobe para 82% no prazo de 1 ano.

Os 14 entrevistados que ingressaram na educação afirmaram que com o passar do tempo, ao administrar cada aula, o nível de ansiedade foi diminuindo. E dois respondentes declararam que o nível permaneceu o mesmo e outro respondeu que houve crescimento no nível de ansiedade.

Por mais que os entrevistados se sentissem preparados foi encontrado uma margem de dificuldade devido à deficiência do sistema de ensino. Como foi expressado por um dos entrevistados:

Receio e medo é muito mais pelo estresse que trás de toda a profissão, a desmotivação e desvalorização profissional nos causam esses sentimentos. Com as experiências que tive desde que entrei no mercado de trabalho, a realidade não é insegurança com a turma. O maior receio é o trabalho exaustivo dentro e fora da escola em questão burocrática do sistema (Egresso 04, 2023).

A grande maioria dos entrevistados alegaram que estão realizados profissionalmente, porém, a desvalorização dos profissionais de Pedagogia ocasiona salários insatisfatórios, desmotivando-os e limitando as suas possibilidades de crescimento profissional. Um dos participantes da pesquisa evidenciou “desvalorização, educação defasada, poucos recursos, crianças indisciplinadas, exigências descabidas, pressão e etc.” Todavia, em janeiro de 2023 foi declarado por Camilo Santana, ministro da educação, o novo reajuste dos profissionais da educação de 14,95%. Esse aumento gera expectativas de que os professores tenham melhores condições de trabalho.

Conforme o Plano Nacional de Educação (PNE), defende:

Planos de carreira, salários atrativos, condições adequadas de trabalho, processos de formação inicial e continuada e formas criteriosas de seleção são requisitos para definição de uma equipe de profissionais com o perfil necessário à melhoria da qualidade da educação básica pública (Brasil, 2014, s/p).

O modo como cada educador percebe determinados cenários e os contextos de sala de aula são distintos e particulares. Sendo assim, os motivos que levam o professor a atuar de modo motivado também é diverso. Podendo variar desde a disciplina do aluno, às condições de ensino e de salários. Mas, na realidade ter uma participação ativa na aprendizagem do aluno e em todo o seu processo de construção escolar, social e cultural, pois é isso que a escola proporciona, é algo que não deve ser romantizado. Uma vez que, para mediar o aprendizado do conteúdo é preciso estudo, planejamento e execução.

No entanto, para isso acontecer é preciso fortalecer as relações do sistema educacional do qual os profissionais fazem parte e onde as partes se complementam e impulsionam um ao outro. Dessa forma, percebemos que para os profissionais trabalharem e cumprirem suas atribuições é indispensável uma série de mudanças, que começam com a formação inicial do professor e englobam outros aspectos como formações continuadas, o cuidado com a saúde mental e as condições de trabalho, dentre outras, que podem vulnerabilizar o profissional.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar as sensações que permeiam a atuação docente como a ansiedade e os medos que os egressos do curso de licenciatura em pedagogia da FECLESC/UECE possuem no início de suas carreiras como professores e professoras.

*A priori* buscamos referências sobre o significado da ansiedade e do medo na docência, refletindo sobre o quanto essas sensações podem nos paralisar ou impulsionar seu enfrentamento. No caso do professor(a) não é diferente, a necessidade de dar certo e frustrar-se ocasionalmente podem gerar emoções que muitos afirmaram possuírem.

O material coletado por meio do questionário foi sistematizado e organizado e posteriormente analisado com subsídio dos autores que nos fundamentaram.

Embora as pesquisadoras inicialmente acreditassem que os medos e as inseguranças seriam altamente manifestos pelos respondentes e poderiam ter como consequência paralisação ou abandono da profissão. Os resultados indicaram o contrário, diante dessas sensações sentiam-se encorajados, pois a vontade e necessidade de ingressar no mercado de trabalho como professor(a) mostrou-se maior que qualquer dificuldade. Hipotetizamos que os egressos em comento podem ter participado de projetos de extensão, monitoria, Residência Pedagógica e Iniciação Científica, uma vez que, alunos que fazem parte desses projetos e programas tem se declarado muito mais preparados para carreira docente.

Desse modo, esperamos através da pesquisa, contribuir para a divulgação dos estudos relacionados a formação de professores e professoras, e assim, colaborar, principalmente, para um ensino público de qualidade.

#### REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

BRASIL. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014, aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Presidências da República. Brasília, DF: **Diário oficial da União**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm)>. Acesso em: 08 set. 2022.

DA COSTA, J. S.; DE OLIVEIRA, R. M. M. A. A INICIAÇÃO NA DOCÊNCIA: ANALISANDO EXPERIÊNCIAS DE ALUNOS PROFESSORES DAS LICENCIATURAS. **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2009. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1486>. Acesso em: 20 mar. 2023

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-41.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

FORTES, Leonardo de Sousa. Efeitos da ansiedade competitiva sobre a tomada de decisão em jovens atletas de voleibol. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, e3538, p. 01-08, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/nnvgwJvNcyRBch95DPwHZRt/?lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2023.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho d' Água, 1997.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 4. ed. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda. 1995.

GIL. Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Artificial**. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: Nóvoa, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995.

SILVA FILHO, O.C.; SILVA, M.P. **Transtornos de ansiedade em adolescentes: considerações para a pediatria e hebiatria**. 2013. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/8411>. Acesso em: 20 mar. 2023.

TARDIF, M; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem no magistério. **Educação e Sociedade**, ano XXI, nº 73, dez., 2000.

VALLE, I.R. Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada?. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.87, n. 2016, p. 178 – 187, maio/ago. 2006.

Recebido em: 05/09/2023

Aceito em: 07/11/2023